



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LORETA MELO BEZERRA CAVALCANTI

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-301

Entrevistado: Loreta Melo Bezerra Cavalcanti

Nascimento: 09/01/1982

Local da entrevista: Hotel Nacional, Brasília

Entrevistador/a: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 14/12/2012

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 13 minutos e 57 segundos

Páginas Digitadas: Oito páginas.

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o *Projeto Memórias do Segundo Tempo*.

Sumário

Primeiros contatos com o Programa Segundo Tempo; Grupo de estudos; Primeiras funções dentro do Programa Segundo Tempo; Trajetória no grupo; Função atual de colaboradora; O que desempenha uma colaboradora no grupo; Colaboração do Programa em sua vida; Considerações finais: processo de formação da equipe.

Brasília, 14 de dezembro de 2012. Entrevista com Loreta Mello Bezerra Cavalcante a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Como você teve contato com o Programa Segundo Tempo?

L.M – A identificação com o Programa veio, antes de tudo, a partir de afinidades pedagógicas junto ao meu grupo de estudos na UFRN¹. Durante a graduação, as reflexões desenvolvidas nessa fase me encaminharam para o mestrado, além de conviver com algumas pessoas, dentre elas o professor Allyson², o professor Pereira³ e a professora Petrócia⁴, sendo os dois últimos coordenadores do grupo de pesquisa, que promovia discussões e muitas situações de aprendizagem acerca da educação física e esporte educacional. Especificamente sobre os primeiros contatos com o PST, o professor Allyson morava em Recife em meados de 2008 e foi convidado para ser coordenador da Equipe Colaboradora 5, sendo incumbido da missão de montar sua própria equipe. Então, ele soube que eu estava de mudança para Recife e me convidou para participar dessa primeira configuração da EC05, no caso, ele como coordenador, o professor Rafael Tassitano⁵ como vice, eu Loreta e a Eliene⁶, que era mais uma colega que estava lá fazendo pós-graduação, como avaliadoras.

C.M – Qual era o grupo de estudos?

L.M – O grupo de estudos era o GEPEC⁷. Na verdade eu fiz parte do GEPEC efetivamente durante o curso de mestrado, mas sempre tive proximidade durante a graduação.

C.M – E quais as funções nesse Programa?

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

² Allyson Carvalho de Araújo

³ José Pereira de Melo

⁴ Terezinha Petrócia da Nóbrega

⁵ Rafael Miranda Tassitano

⁶ Eliane Lacerda Pereira

⁷ Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento

L.M – Assim que eu cheguei a Recife eu assumi a função de avaliadora. Conforme o tempo foi passando, a afinidade e a disponibilidade com o Programa foi se ampliando e então o professor Rafael precisou se afastar da função de vice-coordenador e eu assumi a vice-coordenação. Em seguida o professor Allyson passou para um concurso na UFRN, que no caso abrange uma área diferente de Equipe Colaboradora 05; Assim sendo, eu recebi o convite para ser coordenadora da Equipe, exercendo essa função nos anos de 2010 e 2011.

C.M – Como você chegou à equipe atual?

L.M – Em Recife eu fazia esse trabalho na Equipe Colaboradora, trabalhava no ensino superior de Educação Física numa faculdade privada e também na educação básica, no ensino público municipal. Aí eu tive a oportunidade de fazer o concurso e passar para o Instituto Federal do Rio Grande do Norte, e sendo assim me mudei, voltei para minha cidade, voltei para Natal e nessa mudança fui convidada para participar da Equipe 3, do professor Pereira, sai da Equipe 5, fui para a Equipe 3.

C.M – Você é colaboradora?

L.M – Agora eu sou colaboradora.

C.M – Quais as atividades que você desenvolve na Equipe como colaboradora?

L.M – Como colaboradora a gente tem a função de acompanhar pedagogicamente os convênios, os núcleos do Programa Segundo Tempo. É uma função que se inicia desde o planejamento de ensino dos coordenadores de núcleo, o planejamento do núcleo, e continua a partir da avaliação desses planejamentos e ainda a partir das visitas in loco. As visitas contemplam a avaliação de dados administrativos, mas principalmente de dados pedagógicos, então, a função maior corresponde literalmente ao sentido da palavra colaborar: a gente está junto com esses coordenadores tentando fazer com que eles entendam a real importância do Programa e todo o processo que foi construído de conhecimento durante esses anos. Entendam que o principal, os principais atores disso tudo, os alvos principais são os beneficiados, são as crianças, os adolescentes, e que a

qualidade da aula deles, a qualidade pedagógica e a qualidade da aula, no sentido de contemplar todas as diretrizes do programa é que faz com que esse Programa avance, funcione, que se desenvolva.

C.M – E qual a sua visão sobre o Programa Segundo Tempo? Quais as possibilidades que ele traz e quais os limites que vocês estão encontrando também, nas visitas, no acompanhamento?

L.M – Eu acredito que o Segundo Tempo é um programa que significa a materialização de um sonho coletivo, de um sonho de muitos. Se a gente for observar o processo em que se deu a construção do material pedagógico, dos fundamentos do Programa, da maneira como ele se configura hoje, esse conhecimento foi construído a partir de um diálogo muito intenso e muito interessante entre muitos professores renomados de muitas universidades federais do nosso país. Então é um processo muito bonito em relação a sua fundamentação teórica, e que se reflete na prática. A gente não tem mais como falar do Segundo Tempo nos referenciando à primeira versão do Programa. Aquele Segundo Tempo de 2004 se modificou muito. Eu penso que todo esse processo de aprimoramento construiu um programa de dimensões tão grandes, tão importantes que a gente não tem nem como mensurar o valor disso. Vou citar apenas um exemplo que pude vivenciar durante uma capacitação de coordenadores de núcleo, eu acho que naquele momento eu tive a real noção do significado do Programa para algumas crianças... Em uma capacitação do Recreio nas Férias na cidade de Caruaru um dos coordenadores pediu a voz e comentou que depois das enchentes que devastaram várias cidades em Pernambuco, em Alagoas, muitos alunos deles perderam as casas e um dos alunos chegou no núcleo e dizendo que durante o momento que a chuva estava levando sua casa ele conseguiu recuperar a camiseta do Segundo Tempo... Que diante de tudo que estava acontecendo, diante de todas as coisas que estavam sendo levadas pela água, ele buscou, ele procurou uma camisa do Segundo Tempo, quer dizer, que sentido de pertencimento essa criança dá a esse Programa!?! Quantas outras crianças não consideram o Segundo Tempo como o melhor momento deles? Então, isso precisa ser feito direito e para ser feito direito precisa de iniciativas comprometidas; É extremamente necessário que o professor, o monitor estejam motivados; as atividades precisam de um suporte de amor e de conhecimento ao mesmo tempo.

C.M – Qual a mudança que você viu nesse período que participa da capacitação, das capacitações? O que mudou nesse período, o que você acha mais importante destacar?

L.M – Em relação às capacitações é importante destacar a questão da regionalização, o processo de formação desenvolvido pelas equipes formadoras. Num primeiro momento de elaboração de materiais pedagógicos essas capacitações foram dadas por poucos grupos que foram rodando o Brasil para cumprir essa demanda. Então, o que acontecia? Acontecia que os conteúdos, os conhecimentos chegassem prontos. A partir do momento em que você consegue montar uma equipe que compreenda, conheça e entenda os conflitos de cada região, das cidades, dos núcleos, você consegue fazer uma intervenção mais efetiva do ponto de vista pedagógico. Obviamente que, por vários motivos relacionados ao crescimento do programa e sua inserção nas escolas no Mais Educação, a capacitação teve de passar por uma transformação no sentido de ser mais objetiva, ser mais enxuta, mas sem perder a qualidade do que foi construído até então. Essa mudança foi significativa, mas acredito que não fez com que o processo perdesse a qualidade.

C.M – O que o Programa trouxe para sua vida, para sua vida profissional, pessoal, o que o Programa colaborou contigo?

L.M – Eu diria que o Programa é uma espécie de concretização das minhas concepções relacionadas ao esporte educacional, das coisas que eu acredito, do que o esporte educacional é capaz de realizar na vida das pessoas. Eu era uma técnica esportiva, entrei na graduação em Educação Física com o intuito de ser técnica de ginástica rítmica, querendo ganhar campeonatos etc. A partir do momento que comecei a conhecer a historicidade de conflitos da Educação Física escolar, as possibilidades de abordagens e os problemas do esporte trabalhado nas escolas, isso mexeu muito comigo, e esse conflito, essas angústias que sentia, fez com que eu refletisse melhor sobre minha atuação e que caminhos seguir, consciente de que o educador que não tem angústias não avança, não pode alçar novos sonhos... Mas eu diria que o Segundo Tempo é materialização de um sonho coletivo, de muitas vozes, de muitos diálogos, e para mim, atualmente, eu diria que é um modelo pedagógico muito importante, do qual os professores de Educação Física, principalmente

os professores de graduação, que promovem a formação de profissionais desse país, não podem desconsiderar, pois esmiuça temáticas que são extremamente relevantes.

C.M – Você quer acrescentar mais alguma coisa, algum fato que você passou no envolvimento como os núcleos, ou dentro da Equipe, dentro do relacionamento da sua equipe?

L.M – Sim. É interessante também a gente colocar como ocorre o processo de formação de uma equipe, porque talvez quem olhe de fora tenha a impressão de que a equipe é formada por professores que, por uma afinidade ou uma amizade, convidam o outro para fazer parte desse trabalho. Com certeza a gente tem milhares de professores de Educação Física, sejam pós-graduandos, sejam das universidades federais que compactuam com pensamentos afins, que seriam capacitados a trabalhar junto com a gente. Mas, esse processo de construção da equipe é subjetivo e, ao mesmo tempo, delinea a forma como a equipe vai trabalhar. Então, realmente, é muito importante que tenhamos professores que tenham afinidade teórica e, ao mesmo tempo, que sonhem junto com a gente.

C.M – Mais alguma coisa?

L.M – Agradecer o convite para participar de um projeto tão bonito e importante, fico feliz!

C.M – Então, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]